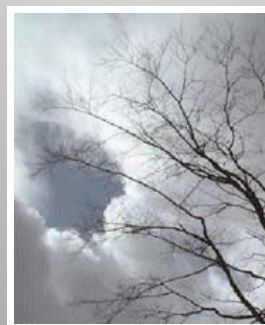


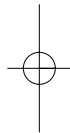
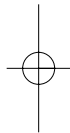
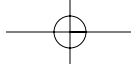
Albertino Calamote

# Era Maio...

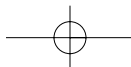
(Conto)



2005



TÍTULO *Era Maio... (Conto)*  
AUTORIA,  
GRAFISMO  
E PAGINAÇÃO Albertino Calamote  
2005



**E**ra Maio, mas parecia um daqueles dias feios de Novembro. Amanhecera abafado e chuvoso, com aquela típica chuva que não é nem deixa de o ser: um misto de húmida orvalhada e de morrinha «molha-tolos».

– Parece que há-de vir o mundo abaixo com água, mas não há meio! – murmurou o *Ti* António Bento, dando dois passos para fora da porta, enquanto, de nariz em riste, prescrutava os trezentos e sessenta graus do horizonte.

Para norte, para lá da mata dos castanheiros e para as bandas da Arrochela, o astro estava extremamente carregado. A trovoada estava iminente e dir-se-ia que os pirotécnicos das alturas preparavam um grande festival. Fios de ouro relampejavam de quando em vez, em todas as direcções, fragmentando o enegrecido e compacto espaço celeste daquelas bandas, subitamente iluminado e logo instantaneamente escondido.

– Olha mulher – prosseguiu o Bento, após a sua consulta à atmosfera –, a mim parece-me que é só fogo-de-vista. Mas, ainda assim, vou

«...para as  
bandas da  
Arrochela,  
o astro  
estava  
extrema-  
mente car-  
regado.»



primeiro a tratar do vivo<sup>1</sup>, que depois logo se resolve a vida: se regaremos, ou não, o renovo<sup>2</sup>, com a pouca água que resta no poço. Era bem bom que chovesse. Mas com termos, e não para aí à parva, só a fazer barrocas e a estragar tudo, que fica a gente com o trabalho de um ano todo perdido. Deus nos livre! A água mal chovida nem acode às nascentes...

A mulher disse qualquer coisa lá de dentro, que se diluiu no barulho de um trovão mais forte. Mas, o que quer que dissera, fora com certeza para concordar com o marido.

– Olha, o rapaz que se levante e vá à escola – torna o Ti António Bento, debruçando-se para a porta – que o Professor Serrano não é homem para se ficar em casa só por causa de uma trovoada, por mais danada que ela se aparente.

Ora, o «rapaz» era eu. Era aquele «dez réis de gente» que jazia aninhado na manta de pêlo espanhola (a minha *manta-pêla*), na cama de enxerga de palha centeia que estava na loja. Estava bem acordado desde que comecei a ouvir falar de trovoada: não que, ali no quentinho e a coberto do lar paterno, receasse o temporal, mas lembrei-me do nevão enorme do inverno anterior, em que até o caminho para a escola ficara praticamente intransitável. Nunca se sabia quando apareceria assim um dia-santo ou um feriado sem estarem assinalados no calendário...

Por momentos fez-se silêncio: o meu pai dirigira-se ao Cabanal da Borisca, nas traseiras, para acomodar o gado (*Borisca* era um vaca que tivéramos e que deixou o nome ao estábulo); a minha mãe lá se aquietara com as panelas e até o tempo, lá fora, pareceu sossegar um pouco.

De facto, lembro-me eu, o Professor Serrano, fora à escola naquele dia do nevão. Fôramos todos, aliás. Quando nos levantámos estava tudo coberto de neve. A Escola ficava na encosta da serra, junto da estrada que liga à aldeia vizinha e a mais de um quilómetro das nossas

---

<sup>1</sup> Dava-se este nome genérico a todos animais domésticos: bois, ovelhas, cabras, cães, gatos, galinhas, etc., que, em regra, eram objecto do cuidado dos donos, pelo menos duas vezes por dia: de manhã e à noite.

<sup>2</sup> A horta, os produtos hortícolas que, com o pão, eram a base quase exclusiva da alimentação.

casas. Realmente não houve aulas como habitualmente, mas acabámos por estar com ele, e foi um daqueles dias que em nós ficam gravados para sempre. O Professor tinha consigo uma vara graduada de dois metros e uma cadeia de agrimensor<sup>3</sup>. A nossa tarefa era proceder a medições diversas: uns mediam, com a vara, a altura que a neve tinha atingido em diferentes locais do percurso; outros avaliavam distâncias na estrada; outros calculavam áreas previamente demarcadas; outros, ainda, achavam o volume de certas porções de neve, moldadas em figuras geométricas; e todos, professor incluído, divertiram-se grandemente, atirando neve uns aos outros. Esse «feriado» do nevão foi um dia memorável, e, pelo menos as medidas lineares, as de superfície e as de volume deixaram de ter segredos para nós, para o resto da vida.



«Esse 'feriado' do nevão foi um dia memorável»

Entretanto o velho regressa do estábulo. Pelo martelar das cardas das botas no chão toscamente empedrado, só podia vir arreliado. Adivinhava-se o semblante fechado e o ar carrancudo, ampliados, um e outro, pelo grisalho irregular da barba de três dias. Arreliado com a seca e com a vida madrasta dos pobres: não caía, há que tempos, pinga de água que Deus mandasse do céu; as nascentes definhavam e o poço – que, até, era um grande poço – não juntava se não poucas gotas que mal davam para molhar, dia-sim, dia-não, os alfôbres e alguma verdura mais viçosa.

Ao chegar à porta parou, rodou e pôs-se de novo a olhar para a zona mais carregada do firmamento. Assim ficou durante um pedaço, imóvel e pensativo, após o que se virou e reiniciou a marcha para a porta, resmungando roucamente:

– Ná! Ainda não é desta! – e desapareceu lá para dentro.

<sup>3</sup> Série de hastes de arame grosso, elados nas pontas e encadeados uns nos outros, formando uma cadeia, normalmente com 10 metros de comprimento, usada para medições topográficas.

Foi em direcção ao sítio da cozinha, onde a mulher ajeitava alguns gravetos na chaminé, para manter a cozedura do almoço que levantava fervura na panela de ferro, que pendia das cadeias e ensaiava um ligeiro baloiço sobre as chamas.

– Isto é que vai uma vida, mulher! O gado quase não tem que comer; já não se enxerga ramo verde ou rebento de erva. Para não falar da marouva<sup>4</sup>, que, por este andar...

Embatucou repentinamente, para logo recomeçar:

– A trovoada está a ir-se embora e a borrasca que se formou está a desfazer-se em ar e vento.

Minha mãe emitiu um breve murmúrio de assentimento e continuou a compor o lume. Meu pai ia seguindo, cabisbaixo, os movimentos dela, até parar, com os olhos estranhamente fixos na labareda que se erguia em soluços para a panela.



«os olhos estranhamente fixos na labareda que se erguia em soluços para a panela»

Por longos minutos assim se manteve, alheio ao barulho do vento através da telha vã da cozinha, e aos trovões que estouravam, cada vez mais fraco, no horizonte. Alheio, ainda, à progressiva luminosidade que invadia a casa, como que a dizer que, lá fora, a tempestade dera lugar à bonança, e um novo dia trazia a promessa de novas lutas e o retomar de novas esperanças.



Levantou finalmente os olhos da lareira. Um barulho diferente se fez ouvir. Tinha fama o antiquíssimo sino da torre da aldeia: o seu som puro, estridente e sonoro, varria toda a aldeia até aos confins da periferia, onde quer que se estivesse nas fainas diárias dos campos.

<sup>4</sup> O nome é de uma cereja temporã, miúda e desenxabida, mas dá-se também, por extensão, ao conjunto da fruta de verão.

Era Maio...

7

– Tocam os sinos!?! Missa hoje!?! Deus me perdoe, mas parece que o Santíssimo não faz caso de nós e nos deixa desfalecer à míngua de água... – Agora me lembro de que, no domingo passado, o senhor prior disse que na quinta-feira era o Corpo de Deus. É hoje, c'os demónios! – Vamos lá, mulher, dá-me a camisa lavada e tu vai-te preparando, e mais ao garoto, que não tarda a tocar a segunda à missa...



«que não tarda a segunda à missa...»



Era, afinal, feriado. Mais propriamente dia-santo de guarda, e eu não tivera que ir à escola. Pudera gozar, por mais alguns instantes, até à hora da missa, o aconchego da minha *manta-pêla*, enquanto, lá fora, os elementos se decidiam pela vinda duma providencial chuva reparadora, ou pela continuação da castigadora seca, que murchava sistematicamente e acabava mirrando tudo o que era ser vivo da Natureza.

Buraca, 14 de Julho de 2005

